



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

1994 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

POLITIZANDO NOSSAS SELFIES NO FACEBOOK: A CONSTRUÇÃO DE SI ATRAVÉS DAS FOTOS DE PERFIL
Felipe da Silva Ponte de Carvalho - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Fernando Altair Pocahy - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

POLITIZANDO NOSSAS *SELFIES* NO FACEBOOK: A CONSTRUÇÃO DE SI ATRAVÉS DAS FOTOS DE PERFIL

Resumo

As redes sociais digitais possibilita(ra)m novas formas de comunicar (todxs-todxs^[1]), estreita(ra)m e forma(ra)m laços sociais. Elas vêm transformando os nossos cotidianos, desafiando, com isso, nossos modos de pensar-fazer política. O trabalho em tela, busca compreender de que modo as mobilizações politizadas de *selfies* nas fotos de perfis de usuárixs do Facebook se inserem nos modos de produção política, notadamente a partir de novas afirmações e figurações (do si) éticas. Para acompanhar o fluxo da vida *online* de nossxs interlocutorxs de pesquisa, usuárixs do Facebook, ensaiamos uma carto-genealogia dos modos de produção política nas tramas da cibercultura. No acompanhar desse fluxo, articulamos rastros de redes educativas em que nossxs interlocutorxs de pesquisa nos dão indícios de uma virada nos significados narcísicos e hedonistas, politizando suas *selfies*.

Palavras-chaves: Cibercultura. Carto-genealogias. Politização de *selfies*. Facebook

^[1]Empregamos o 'x' como forma de desobediência às inflexões de gênero binárias. Com isso, desejo operar em consonância aquelxs que não desejam ser interpeladxs sob qualquer forma de operação linguística de gênero.

POLITIZANDO NOSSAS *SELFIES* NO FACEBOOK: A CONSTRUÇÃO DE SI ATRAVÉS DAS FOTOS DE PERFIL

Resumo

As redes sociais digitais possibilita(ra)m novas formas de comunicar (todxs-todxs^[1]), estreita(ra)m e forma(ra)m laços sociais. Elas vêm transformando os nossos cotidianos, desafiando, com isso, nossos modos de pensar-fazer política. O trabalho em tela, busca compreender de que modo as mobilizações politizadas de *selfies* nas fotos de perfis de usuárixs do Facebook se inserem nos modos de produção política, notadamente a partir de novas afirmações e figurações (do si) éticas. Para acompanhar o fluxo da vida *online* de nossxs interlocutorxs de pesquisa, usuárixs do Facebook, ensaiamos uma carto-genealogia dos modos de produção política nas tramas da cibercultura. No acompanhar desse fluxo, articulamos rastros de redes educativas em que nossxs interlocutorxs de pesquisa nos dão indícios de uma virada nos significados narcísicos e hedonistas, politizando suas *selfies*.

Palavras-chaves: Cibercultura. Carto-genealogias. Politização de *selfies*. Facebook

1. Tessituras iniciais: carto-genealogias em tempos de cibercultura

A contemporaneidade tem como uma de suas marcas as tecnologias digitais em rede, (re)configurando mercados, governos, políticas públicas, práticas em educação / práticas culturais, dando sentido e forma à sociedade em rede (CASTELL, 2013) ou sociedade das telas (LIPOVETSKY & SERROY, 2011) como formas sociais da produção de subjetividade. Tais tecnologias operam ininterruptamente, numa lógica “24/7” (CRARY, 2016), que mina paulatinamente as distinções entre dia e noite, ação e repouso, anuncia um tempo sem tempo e celebra a alucinação da presença.

Tomando como plano agonístico da produção de subjetividade as práticas ciberculturais, objetivamos com este trabalho problematizar as mobilizações politizadas de *selfies* nos perfis de usuárixs do Facebook, partindo da aposta de que elas, em certo sentido, contribuam para a construção de si – e desde um reposicionamento ético (discutidos na Seção 2).

Para isso, lançamos mão da carto-genealógica, dado que cartografar implica tomar algo em seu processo de produção e transformação (ZAMBENEDETTI & SILVA, 2011). Por seu lado, a genealogia “trabalha com pergaminhos embaralhados, riscados, várias vezes reescritos” (FOUCAULT, 2017, p. 12). Nesse acoplamento, acompanhamos as problematizações de alguns interlocutorxs privilegiados na pesquisa, a partir de mobilizações que emergiram ou se desdobraram pelo Facebook: “Escola sem pensamento crítico não é escola” (XXXXXXX[2]; SANTAELLA, 2010; SIBILIA, 2016); “UERJResiste” (CASTELLS, 2013; GALINDO, 2017); e “Não há cura para o que não é doença” (BUTLER, 2015; LOURO, 2014) discutidos na Seção 3.

Por fim, na Seção “4 - Eu, você e nós: tecendo reflexões da construção de si”, trazemos argumentos que foram tecidos a partir da presente carto-genealogia com nossxs interlocutorxs de pesquisa.

2. “Como a gente se torna o que a gente é?”

Essa pergunta, formulada por Nietzsche (2017), oferece possibilidades na problematização do nosso cenário cibercultural contemporâneo: como a gente se torna o que a gente é em tempos de redes sociais digitais? Não desejamos aqui, neste espaço, efetivamente, responder a tal questão. Ela se nos apresenta como uma interrogação ética, o que nos possibilita traçar novas rotas, aberturas, experimentações e tessituras na relação que estabelecemos entre nós mesmos diante dos regramentos morais que se articulam nesses novos espaços-tempos de produção de verdade sobre si.

“O que está acontecendo?” – Twitter, “No que você está pensando?” – Facebook, são expressões usadas por essas redes em suas *timeline* (*feeds* de notícias), onde convidam xs usuárixs a partilharem algo, mas, mais que isso, é um meio de saberem o que xs usuárixs estão fazendo, seus gostos, suas localizações, suas redes de amizade.... Ao partilharem essas informações, xs usuárixs alimentam essas redes, que por sua vez reverberam, por exemplo, em indicações de solicitações de amizade, curtidas em páginas, participação em determinados grupos, propaganda de produtos/serviços etc. Essa prática é uma forma de localizar xs usuárixs, através de seus gostos, desejos e interações, é meio de envolvê-los, de controlá-los e levá-los a agir, interpelando os sujeitos a determinadas condutas.

As redes sociais digitais têm como características a dinamicidade e a emergência, são descentralizadas e auto-organizadas, e propulsoras da volatilidade subjetiva (SANTAELLA, 2010). Mediadx por elas, fazemos e acionamos coisas, partilhamos experiências, nos mobilizamos, interagimos com pessoas de diversos espaços-tempos, produzimos conteúdos, (des)aprendemos novos modos de estar, habitar e viver, criamos e normatizamos nossas condutas, da mesma forma em que passamos a desejar controlar a conduta dxs outrxs.

A abertura comunicacional das redes possibilitou ainda um incremento das “práticas confessionais”, onde qualquer um/a pode expor um relato público e cotidiano de quem se é, desdobrando-se na exibição de sua intimidade, a “extimidade” (SIBILIA, 2016), na exteriorização do seu eu. Nessas práticas confessionais, expomos fragmentos de nossas escolhas, experiências, identificações, reflexões, lugares em que circulamos, pessoas com as quais interagimos, fazemos recomendações variadas etc., damos visibilidade ao nosso pensar e sentir, expressamos nossas alegrias e tristezas, falamos: – Eu partilho, logo existo.

“*Selfie*” foi eleita, em 2013, a palavra do ano pelo dicionário Oxford (G1 Notícias, 2013). Denomina uma foto feita por uma pessoa com a lente da câmera voltada para si, um autorretrato, podendo ser individual ou em grupo. Independentemente da popularidade do termo, o fenômeno pode ser tratado como parte de uma série de outros que se encarregam de dar o tom de como as pessoas determinam quem são no mundo contemporâneo (GALINDO, 2017). Para além da exposição do eu em cenários amplos, a visibilidade de uma *selfie* pode vir associada a causas e a mobilizações. Essa prática vem ocorrendo com uma certa frequência no Facebook, em que xs usuárixs têm tematizado suas *selfies* no perfil de suas páginas pessoais em função do time de futebol, cantor/a predileto, citação de um livro etc.

As *selfies* tematizados são formas dxs usuárixs exporem algo de si e manifestar com o seu próprio autorretrato o mundo em que atua. Essas práticas nos ajudam a refletir que, o manifestar-se por meio de uma *selfie* é também uma forma de mostrar certa “crise de autoridade” (CERTEAU, 2012). Autoridade é “tudo que dá (ou pretender dar) autoridade – representações ou pessoas – e que se refere, portanto, de uma maneira ou de outra, àquilo que é ‘aceito’ como ‘crível’” (idem, p. 40). A autoridade é responsável por tornar o ar de uma sociedade respirável, repousa sobre a adesão de um grupo ou uma comunidade e o seu descrédito revela problemas que tornam a atmosfera social irrespirável. A crise de autoridade leva xs usuárixs a agirem, ou seja, a se mobilizarem em rede na contemporaneidade, produzindo redes de solidariedade e esperança (CASTELLS, 2013).

A complexidade das redes sociais digitais é atravessada por múltiplas práticas e “redes educativas[3]” (ALVES, 2012) que a todo momento “exigem” que xs usuárixs se movimentem (curtidas, menções, comentários, mobilizações e partilhas), levando-xs a (des)construir pontos de vista distintos e instantâneos sobre si, nós e x outrx. Por tudo isso, compreendemos que novos significados são produzidos e novas subjetividades tecidas e conectadas a outras redes de

subjetivação. Para acompanhar um fragmento dessas movimentações, no sentido de ampliar o entendimento de como a gente se torna o que a gente é, cartografamos as fotos[4] do perfil de usuárixs da rede educativa Facebook, discutidas na Seção a seguir.

3. Politizando a imagem de si pelo Facebook

#UERJResiste

É um movimento de funcionárixs concursadxs, contratadxs e terceirizadxs, alunxs e membros da sociedade civil a favor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)[5], frente à grave crise financeira, má gestão do dinheiro público e corrupção causadas por nossxs governantes. Nesse cenário, não se pode deixar de mencionar que funcionárixs e alunxs ficaram sem receber diversas vezes, e o funcionamento da universidade operava em condições precárias. Para dar visibilidade a esse movimento, *selfies* tematizados com o slogan #UerjResiste foram feitos e propagados entre alunxs e funcionárixs. As *selfies* tematizadas – além de serem modos de existir, habitar e agir no cotidiano e de demarcação de territórios dxs usuárixs – são fontes de visibilidades, conectando outras partilhas que estão alinhadas com os mesmos ideais e subjetividades, sendo um convite ao mesmo tempo a outrxs usuárixs a aderirem ao mesmo movimento. Nesse sentido, a *selfie* pode ser vista como uma imagem que carrega, desde o processo da sua criação, essa expectativa do olhar do outro, pois é através do julgamento desse olhar alheio expresso em comentários e likes que se alimenta essa subjetividade construída segundo a lógica da visibilidade (GALINDO, 2017).

As práticas do movimento #UERJResiste dialogam com as ideias de Castells (2013), quando propõe que a internet cria as condições para uma forma de prática que possibilita um movimento sem liderança sobreviver, deliberar, coordenar e se expandir. Contudo, ainda nos argumentos do autor (2013, p. 166), a comunicação na formação e na prática dos movimentos é essencial, “porque as pessoas só podem desafiar a dominação conectando-se entre si, compartilhando sua indignação, sentindo o companheirismo e construindo projetos alternativos para si próprios e para a sociedade como um todo”.

A mobilização aqui relatada, além de ser uma luta pela UERJ, é uma luta a favor da universidade pública de qualidade e inclusiva, e é contra a privatização e a política elitista (ultra)neoliberal de ensino. Pode ser acompanhada mais de perto através do site da própria [UerjResiste](#) e na página da [UerjResiste](#) pelo Facebook.

#Escola sem pensamento crítico não é escola!

É uma mobilização de docentes, discentes, pais entre outrxs contra o movimento “Escola Sem Partido” (ESP), movimento que “tem ganhado cada vez mais força e apresenta propostas conservadoras, disfarçadas de preocupação com os jovens e crianças que circulam nas escolas brasileiras” (XXXXXXX). Uma de suas propostas polêmicas está voltada para a questão da falácia e da suposta “Ideologia de Gênero” no cotidiano escolar, onde seus idealizadores argumentam que as problematizações das normas de gênero corrompem alunxs no seu desenvolvimento natural (XXXXX). O movimento ESP é um projeto de escola fascista, que nega as diferenças em sala de aula, a liberdade de ensinar, trabalha na lógica da delação. Segundo informações do próprio site do movimento ESP, eles estão “preocupados com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras” (NAGIB, s.d.).

Para se posicionar contra as propostas do ESP, usuárixs alteraram a sua foto de perfil com o dizer: “Escola sem pensamento crítico não é escola”, uma forma de dizer que não se sentem representadxs por tal projeto. Xs usuárixs cartografadxs são docentes em diversas instituições, das redes estaduais e municipais do Rio de Janeiro, atuam desde a Educação Infantil até a Pós-Graduação. Suas participações revelam, por meio da foto de perfil, a complexidade e abrangência que a mobilização tomou, onde múltiplos cotidianos foram acionados. Isso deve-se ao fato das redes sociais digitais criarem nódulos estratégicos de interesses partilhados (SANTAELLA, 2010), articulando e conectando usuárixs que partilham das mesmas ideias. Por outro lado, é preciso ver essas mesmas redes também como um terreno propício para experimentar e desenvolver novas subjetividades e outras formas de se relacionar com os demais (SIBILIA, 2016).

Vale ressaltar que esse movimento é um fragmento de uma mobilização muito mais ampla. No próprio Facebook, por exemplo, há páginas também que atuam contra as propostas do ESP, como “Professores contra o Escola Sem Partido” e “Movimento Liberdade para Educar”.

Mobilizações como essas, em tempos de Pós-Golpe, ajudam a fortalecer os laços democráticos, voltados para práticas participativas-representativas, pois são meios importantes para que seja garantida a condição mínima de funcionamento das instituições e da vida cotidiana, como também a liberdade de livre manifestação.

#Não há cura para o que não é doença

A terceira mobilização que trazemos para este artigo, diz respeito a uma decisão judicial que aconteceu no dia 15/09/2017, dada pelo juiz Waldemar Cláudio de Carvalho, da 14ª Vara do Distrito Federal, onde concedeu uma liminar que, na prática, torna legalmente possível que psicólogos ofereçam pseudoterapias de reversão sexual, [popularmente chamadas de ‘cura gay’](#) (EL PAÍS Notícias, 2017). A decisão causou uma série de mobilizações em múltiplas redes educativas (ALVES, 2012): conselhos de Psicologia e de Medicina por todo o Brasil; OAB; movimentos sociais; partidos políticos... A adesão a essa mobilização também aconteceu pelxs usuárixs do Facebook, onde elxs traziam a frase “Não há cura para o que não é doença” junto à sua foto de perfil.

Essa mobilização, nas *selfies* do perfil do Facebook, articula-se com mais os diferentes grupos de usuárixs, de LGBTQI+ a heterossexuais que são a favor das diferenças. Foi um ato para qualificar vidas que merecem ser vividas (BUTLER, 2015), às vezes interrompidas, principalmente as de sexualidades dissidentes que sofrem constantes agressões (verbais, físicas, psicológicas e *online*) por não se enquadrarem na matriz dominante heterossexual que serve como referência e é dita como 'normal'. Logo, a decisão tomada pelo juiz abriria brechas para que sujeitos desviantes da matriz heterossexual (LOURO, 2014), "anormais", fossem "curados" voltando a ser pertencentes ao quadro de referência dominante.

A viralização dessa mobilização é decorrente também da comunicação interativa digital, na qual a comunicação se dá na relação *todxs-todxs*, principalmente por ser um *self-media* (LIPOVETSKY & SERROY, 2011), que opera na lógica de trocas interpessoais, comunitárias e descentralizadas; e é contrária à *mass-media* que é voltada para comunicação massiva e centralizada.

4. Eu, você e nós em movimento: tecendo reflexões da construção de si em rede

A presente pesquisa buscou elementos que nos permitiram analisar de que modo as mobilizações politizadas *deselfies* nos perfis de usuárixs do Facebook contribuem para a construção de si, na justa medida em que os sujeitos se ocupam de marcar sua posição política diante de determinadas questões sociais, tornando a experiência de si (e de dizer de si através de uma autorepresentação) um gesto político. A partir desta experimentação carto-genealógica, arriscamos dizer que esse processo de (des)construção de si é constante, volátil, fluido, instantâneo e situado; é acionado por movimentos, mobilizações, partilhas e práticas que vêm marcando o nosso dia a dia; e é agenciado por tramas de redes complexas que nos (trans)formam, ao passo que nos levam a agir e a habitar numa dinâmica interativa que reverbera num jogo de posicionamentos do eu com o próprio eu, do eu com você, do eu com nós e do eu em rede.

Com esta carto-genealogia em tempos de cibercultura entendemos que há uma episteme neoliberal, alimentada por práticas moralistas e de ódio que atacam tudo que significa desafiar seus privilégios, notadamente marcados pela intencionalidade racista, sexista, classista, transfóbica. Além disso, tudo o que pode dirigir-se ao sentido de público como esfera de participação social, liberdade no ato de ensinar e desejo de liberdade é terrivelmente marcado como abjeção, tornado desprezível e eliminável. Lógica essa operacionalizada em rede, 24/7 (CRARY, 2016), que penetra nos mais diversos cotidianos e é contra *todxs* aqueles que são e pensam diferentes.

O fenômeno da politização da *selfie* vai ao encontro das ideias tecidas por Castells (2013), Certau (2012) e Alves (2012). A primeira ideia deve-se ao fato dos movimentos sociais surgirem da contradição e dos conflitos de sociedades específicas, e expressam as revoltas e os projetos das pessoas resultantes de sua experiência multidimensional (CASTELLS, 2013). A segunda é decorrente da crise de autoridade (CERTEAU, 2012), que se dá toda vez que *xs* usuárixs expressam nas suas próprias redes que não se sentem representados pelas políticas cotidianas. A terceira parte do entendimento de que as redes educativas (ALVES, 2012) que contribuem para construir o que somos e também no que nos tornamos, e são atravessadas por outras redes educativas, que são irredutíveis umas às outras.

Referências

ALVES, Nilda. Políticas e cotidianos em redes educativas e em escolas **Anais XVI ENDIPE** - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Aberto Medeiros, Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CERTEAU, Michael. **A cultura no plural**. Tradução de Enid Abreu Dobránszky, Campinas: SP, Papirus, 7 ed., 2012.

XXXXXXXXXX

CRARY, Jonathan. **24/7**: capitalismo tardio e os fins do sono. Tradução Joaquim Toletto Jr., São Paulo: Ubu Editora, 2016.

BUTLER, Judith. **Quadro de Guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2015.

EL PAÍS. **'Cura gay'**: o que de fato disse o juiz que causou uma onda de indignação. Homofobia, publicado em 20/09/2017. Acessado em: 05/02/2018

FOUCAULT, Michael. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica Roberto Machado, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 5 ed., 2017, p. 55-86.

G1 notícias. **'Selfie' é eleita a palavra do ano pelo Dicionário Oxford** 17/11/2013. Acesso em: 03/02/2018.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura? mundo**: resposta a uma sociedade desorientada. Tradução Maria Lúcia Machado, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 16º ed., 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**: de como a gente se torna o que a gente é. Tradução Marcelo Backes, Porto Alegre, RS: L&MP, 2017.

SANTAELLA, Lucia. **Ecologia pluralista da comunicação**: conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010. – (Comunicação) ISBN 978-85-349-3212-7.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Editora contraponto, 2 ed., 2016.

NAGIB, Miguel. **O movimento**. Documento on-line. Acessado em: 05/02/2018.

ZAMBENEDETT, Gustavo; e SILVA, Rosane Azevedo Neves. Cartografia e genealogia: aproximações possíveis para a pesquisa em psicologia social. **Revista Psicologia & Sociedade**; 23 (3): 454-463, 2011.

#Marielle&Andersonpresentes!!!!

[1] Empregamos o 'x' como forma de desobediência às inflexões de gênero binárias. Com isso, desejo operar em consonância aqueixs que não desejam ser interpeladxs sob qualquer forma de operação linguística de gênero.

[2] Estamos usando essas marcações para suprimir a referência para obras dxs autorxs do presente artigo, para que não possam ser identificadxs durante o processo de revisão às cegas.

[3] Escola, família, universidade, movimentos sociais, redes sociais digitais... são exemplos de redes educativas.

[4] Por questões éticas não iremos mostrar imagens de nossxs interlocutorxs de pesquisa.

[5] Aqui não podemos deixar de mencionar também e de ser solidários com as outras universidades públicas que vêm passando pelo mesmo processo ou semelhante que a UERJ.